

## **O FIGURINISTA E SUA FUNÇÃO: UMA ALTERNATIVA DE FORMAÇÃO INICIAL NA PARAÍBA**

*Costume designer and its role: An alternative of initial formation in Paraíba*

Vasconcelos, Tainá Macedo; Mestranda; Universidade Federal da Paraíba,  
macedo.vasconcelos@gmail.com<sup>1</sup>

### **Resumo:**

Por meio da análise de entrevistas realizadas com figurinistas de João Pessoa-PB, problematiza-se a formação deste profissional, com o intuito de refletir sobre a necessidade de uma capacidade técnica específica, para a realização desta função para criação teatral. O figurino é estudado hoje no Estado da Paraíba como disciplina, em dois cursos de graduação, e como curso livre em uma instituição pública.

Palavras chave: Traje de Cena, Teatro, Formação Profissional

### **Abstract:**

*Through the analysis of interviews made with costume designers from Joao Pessoa-PB, discusses the formation of this professional, in order to reflect about the need for a specific technical development, to realize this function that is related to theatre. The costume design is studied in Paraíba as a subject in two graduation courses, and as a course in a public institute.*

*Keywords: Costume Design, Theatre, Professional Formation*

Esse trabalho foi escrito para a disciplina de processos criativos em artes cênicas, do programa de mestrado profissional em rede - PROFARTES, da Universidade Federal da Paraíba. O objetivo dessa pesquisa consiste em iniciar o mapeamento da produção de figurinos em João Pessoa, por meio de entrevista com dois figurinistas de representatividade local e, a partir da experiência desses profissionais, refletir sobre as oportunidades oferecidas para formação de novos figurinistas no Estado da Paraíba. Para tanto, utiliza-se o conceito de Pavis (1999), Muniz (2004) e Pereira (2012) sobre o traje cênico. Sobre o artista e o processo criativo dialoga-se com Fisher (1977) e Ostrower (2003). Por fim conta-se com as ementas das disciplinas e do curso de figurino que são ministrados em João Pessoa, no Estado da Paraíba.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Artes pela UFPB, Especialista em Arte, Educação e Sociedade pelo Cintep-PB, Bacharel em Teatro pela UFPB e Técnica em Produção de Moda pela FUNETEC-PB, é figurinista, assinando a criação de figurinos em espetáculos teatrais e filmes.

## O universo do traje cênico

Segundo Pereira, 'o traje de cena tem a função de complementar o trabalho do ator. É a matéria que veste a alma da personagem no palco' (PEREIRA, 2012, p.8). Esse autor afirma que o termo traje de cena surge da necessidade de diferenciar as vestimentas utilizadas nas artes cênicas das roupas utilizadas em outros ambientes. Sabe-se que existem diferentes trajes e cada ocasião requer uma roupa específica. No âmbito das artes, toda a roupa que veste uma personagem (no teatro, no cinema, na tv) ou um performer (na dança, no circo, na performance arte) deve ser chamado de traje de cena ou figurino.

Patrice Pavis, em seu Dicionário de Teatro, acredita que o figurino:

Sempre presente no ato teatral como signo da personagem e do disfarce, contentou-se por muito tempo com o simples papel de caracterizador encarregado de vestir o ator [...]. Hoje, na representação, o figurino [...] multiplica suas funções e se integra ao trabalho de conjunto em cima dos significantes cênicos. [...] O figurino de teatro põe-se a serviço de efeitos de amplificação, de simplificação, de abstração e de legibilidade (PAVIS, 1999, p. 168).

A relevância do figurino está na capacidade de se integrar à representação, utilizando-se dos efeitos supracitados, de amplificação, simplificação, abstração e legibilidade, a partir das escolhas da modelagem, dos tecidos e das cores, assumindo novos significados em cena. O discurso do figurino deve estar dentro do contexto entre a ação e a personagem. Assim, o figurino é capaz de mostrar através das indumentárias a identidade visual do espetáculo.

O figurinista é o profissional responsável pela criação e confecção deste elemento cênico. É aquele que cria, de acordo com o espetáculo, as roupas que serão usadas pelos atores em cena, definindo a modelagem, os tecidos e aviamentos necessários para compor a visualidade da peça. Enquanto artista, o figurinista se utiliza de toda a sua sensibilidade, para através do pensamento criativo produzir a arte, que carrega características culturais de seu criador. Para se tornar um artista, Ernst Fischer afirma que 'é necessário dominar, controlar e transformar a experiência em memória, a memória em expressão, e

a matéria em forma' (FISHER, 1977, p. 14). No processo de criação de trajes cênicos, o figurinista é o agente sensível que vai transformar em traje as informações a respeito da personagem representada.

Sobre o caminho para a criação, não existe apenas uma maneira de criar figurinos, mas variados caminhos. Pereira afirma que o figurinista deve servir ao diretor e ao texto através do traje e esse traje tem a função de contar uma história, como vimos no conceito de Pavis (1999). 'O figurino carrega uma significação maior porque sintetiza as ideias' (PEREIRA, 2012, p. 7).

A atividade criativa implica em um processo de formar algo a partir de um conceito e transformá-lo no decorrer dessa ação. Quanto ao conceito de criatividade e processos criativos, Ostrower afirma que: 'a criatividade e os processos de criação são estados e comportamentos naturais da humanidade. [...] São transferências simbólicas do homem à materialidade das coisas' (2003, p.53). Isso é exatamente o que acontece com os figurinos, ou seja, a materialização do conceito estético em trajes para o espetáculo.

O processo criação de figurinos envolve pesquisa e estudo para que exista harmonia na visualidade do espetáculo. Alguns figurinistas se expressam através de desenhos e croquis, outros preferem montar painéis imagéticos com fotografias, recortes e retalhos de tecido, entre outras diferentes maneiras de expressar as ideias acerca do traje de cena.

O figurino assume juntamente, com outros fatores técnicos, a visualidade do espetáculo teatral capaz de comunicar ao público através da visão o contexto do espetáculo. O objetivo desse texto é contemplar a formação do figurinista enquanto artista da cena.

### **A formação e atuação de figurinistas em João Pessoa**

Ao observar-se a formação profissional dos figurinistas no nosso país, percebe-se que não existem muitos cursos voltados para essa vertente artística, e a sua maioria se localiza no eixo Sul-Sudeste. Pelo Brasil, é mínimo o número de cursos de graduação, cursos técnicos e livres especializados no tema figurino e indumentária. Essa deficiência obriga os figurinistas a migrarem de outras áreas do conhecimento, como Artes Visuais, Arquitetura, Design, Moda e Teatro. É através da prática que esse profissional é formado.

No cenário cultural de João Pessoa, no Estado da Paraíba, atuam cerca de oito figurinistas profissionais. Dois desses figurinistas foram entrevistados para este trabalho, esses profissionais exercem essa função há mais de dez anos, com vasta experiência na área. São eles: Maurício Germano e Adriano Bezerra.

### **Maurício Germano**

Maurício Germano é formado em Educação Artística, pela Universidade Federal da Paraíba, com especialização em Representação Teatral, também pela UFPB. Germano afirma, que a sua formação acadêmica, o ajuda enquanto figurinista de todas as formas. 'Os cursos que fiz estão ligados às artes cênicas e seus afazeres'<sup>2</sup>. Ele também define como é importante estudar 'artes cênicas e suas facetas, moda, gostar de história geral, ter conhecimento gerais de cores, texturas, pinturas, artesanato, artes plásticas, desenhar ajuda bastante, e noções básicas de corte e costura'<sup>3</sup>, para desempenhar tal função técnica. Em relação a aprendizagem sobre o trabalho de criação de figurinos Germano afirma ser autodidata e que aprendeu a desenhar os próprios figurinos. Posteriormente, após convites, passou a criar figurinos para outros grupos. A profissão figurinista, para Germano, surgiu por necessidade.

Em relação ao processo criativo de figurino, Germano se posiciona da seguinte maneira:

O figurinista está a disposição da ideia que geralmente é do diretor. Escutar, discutir, argumentar seu ponto de vista, mais embarcar na viagem do outro. Acho que a última palavra é do diretor, coreógrafo, etc. Entender a proposta da montagem, estudar o momento histórico social e político do contexto, desenhar e escolher matizes de cores, escolher tecidos e suas texturas, escolher os adereços, acompanhar provas de roupas, muitas vezes tingir os figurinos, desgastar, customizar, enfim, adaptar a ideia<sup>4</sup>.

Germano foi premiado muitas vezes, por seu trabalho, entre eles o espetáculo "Encantados" do Balé Popular da UFPB, o qual dirige e assina os figurinos. Trabalhou em muitas produções, e 'já perdeu as contas', entre elas

---

<sup>2</sup> Trechos retirados de entrevista realizada com Maurício Germano, por email, em 23/09/2014.

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Idem.

estão espetáculos teatrais, dança, filmes e apresentações de teatro de rua. Por fim, ele indica que os maiores empecilhos encontrados durante sua atividade de figurinista são: a falta de material específico para estudar mais sobre traje cênico; a dificuldade de encontrar o tecido certo, com a cor e texturas desejada; e a ausência de um bom profissional de costura e modelagem.

Imagem 1 - Espetáculo “Encantados”, do Balé Popular da UFPB, dirigido por Maurício Germano.



Fonte: <[http://www.teatropb.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=225&Itemid=56](http://www.teatropb.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=225&Itemid=56)>  
Acesso em: 26/06/2015.

### **Adriano Bezerra**

O processo criativo de figurinos de Adriano Bezerra funciona de forma parecida com a de Germano. Depois de um conversa com o ‘mentor’<sup>5</sup> do espetáculo, e de ouvir as necessidades dos atores, ele inicia a construção de um *layout* para a montagem, que pode ser corrigido e afinado posteriormente. Após esse processo passa à fase de confecção dos figurinos. Bezerra relata que a relação entre o figurinista, o diretor e os atores, precisa ser a mais clara possível: ‘a relação figurinista/diretor é mais forte, dependendo da forma que o espetáculo está sendo montado, o ator nem entra em discursão, apenas utiliza o material final’<sup>6</sup>. Ele vê o ator como intérprete e a vestimenta precisa estar cômoda e maleável para os movimentos realizados. No que diz respeito aos outros técnicos que trabalham no espetáculo, Bezerra afirma que todos os elementos cênicos precisam dialogar com o diretor:

<sup>5</sup> Trechos retirados de entrevista realizada com Adriano Bezerra, por email, em 28/09/2014.

<sup>6</sup> Idem.

Reuniões onde todos estejam juntos são importantes para discutir as ideias e suas formas de utilização, pois uma boa iluminação pode destruir um ótimo figurino ou vice versa, assim como, a cenografia ou a make. Trabalhar com testes antes do resultado final é maravilhoso. Pena os grupos pessoenses não trabalharem com frequência nesse tipo de modelo<sup>7</sup>.

Adriano Bezerra é formado em Design de Moda, pela Unipê, com especialização em Artes Visuais, pelo SENAC/PB. Ele corrobora com o pensamento de que a formação acadêmica, quando voltada para o trabalho, é uma ferramenta que auxilia o melhor desempenho do profissional, que como ele iniciou a carreira como autodidata. A afinidade, a criatividade e a pesquisa são para ele requisitos necessários para a formação de um bom figurinista profissional. Bezerra diz ter sido levado a fazer figurinos, por estar envolvido com a produção teatral: 'pelo fascínio pela parte técnica, e como já tinha conhecimentos de costura e moda, fui levado a esse nicho, assim como, dos adereços de figurino e de cena'<sup>8</sup>.

Dança, teatro, performance, instalação e circo são algumas das áreas que possuem trajes cênicos assinados pelo artista. Bezerra diz: 'hoje faço apenas o que me incita a criatividade, invisto mais na área das artes visuais, se algum diretor estiver na mesma busca, podemos trabalhar juntos'<sup>9</sup>, diz o figurinista que foi premiado em seu primeiro trabalho nesta função. Ele não tem vínculo com nenhum grupo específico, geralmente é convidado a participar da montagem e durante o processo de preparação do espetáculo ele permanece contribuindo visualmente para a produção. As dificuldades que Bezerra encontrou no trabalho enquanto figurinista, estão voltadas para 'o tempo de criação e confecção, que na maioria das vezes é muito pequeno, e o custo dos materiais'<sup>10</sup>. Ao longo dos anos, Bezerra tem procurado inovar no trabalho de criação de figurinos, reutilizando materiais não convencionais para confecção, contribuindo de maneira criativa às personagens.

---

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Idem.

Imagem 2 - Adriano Bezerra e adereços.



Fonte: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/escola-de-moda-da-pmjp-confecciona-figurinos-da-paixao-de-cristo/>>  
Acesso em: 26/06/2015.

Por meio da análise das entrevistas, percebe-se que nenhum dos figurinistas entrevistados possui graduação ou formação técnica específica em figurino, mas em áreas correlatas, como artes cênicas, moda e artes visuais. Quanto aos processos criativos citados, é possível observar que a elaboração do conceito do traje cênico se dá na maioria das vezes através do desenho ou de construção visual, como é o caso de Maurício Germano e Adriano Bezerra.

Ao contemplar-se a formação dos figurinistas atuantes em João Pessoa, é inevitável dizer que a maioria possui graduação em áreas de conhecimento relacionadas ao traje de cena. Na capital paraibana, o termo figurino é discutido esporadicamente em oficinas curtas durante festivais de arte, ou de forma acadêmica em disciplinas dos cursos de graduação em Moda, pela Unipê, e em Teatro, pela UFPB. O Centro Estadual de Arte tem ofertado o curso de figurino, desde 2014, sob o formato de curso livre.

#### **A formação de figurinistas na Paraíba**

Atualmente, nota-se o crescente interesse pela produção de figurinos. Adriana Vaz Ramos afirma que a profissão de figurinista tem alcançado outros espaços artísticos, e não tem se restringido mais apenas ao teatro (RAMOS,

2012, p.88), com isso muitos cursos, em diferentes níveis de ensino, têm se preocupado em incluir conteúdo ou disciplinas relativas ao figurino.

A esse respeito, em João Pessoa, no Estado da Paraíba, é possível observar movimentação semelhante. O curso de graduação em Teatro pela Universidade Federal da Paraíba oferece a disciplina optativa 'Oficina de Figurino'<sup>11</sup> e o curso de Tecnologia em Design de Moda do Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ, propõe a disciplina obrigatória de 'Figurino'<sup>12</sup>. No ensino informal, o Centro Estadual de Arte, disponibiliza vagas para o 'curso de formação inicial em figurino'<sup>13</sup> à toda a comunidade paraibana.

Imagem 3 - Figurino de Alice, Cearte, 2015.1.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

---

<sup>11</sup> Ementa da disciplina Oficina de Figurino, do curso de Graduação em Teatro, da UFPB: Panorama histórico do figurino teatral e das transformações das vestimentas das sociedades ocidentais. O figurino como um dos elementos de significação visual do espetáculo teatral. As relações entre figurino, encenação, texto teatral e o trabalho do ator. Etapas do processo de criação de um figurino: a análise de um texto, pesquisa imagética, concepção, desenho e projeto para a sua criação. O figurino para a utilização na escola com perspectiva pedagógica. Exercícios básicos para a criação de um figurino e construção prática de peças de figurino.

<sup>12</sup> Ementa da disciplina Figurino, do Curso de Tecnologia em Design de Moda, da Unipê: Estudo e noções sobre teatro. A teatralidade na moda. Conceituação de figurino. Estudo de vestimentas para indivíduos ou grupos específicos; Análise de personagens e seus figurinos no teatro, na televisão e no cinema; Criação e caracterização de figurinos; Estudo da matéria prima para figurino.

<sup>13</sup> Ementa do curso de Figurino, do Cearte: Capacitar o aluno para desenvolver criativamente figurinos artísticos, compreendendo métodos e processos de criação, diferentes épocas e linguagens artísticas, introduzindo noções sobre construção da personagem, estudo da cor, tecnologia têxtil e desenho artístico, ampliando assim o campo de trabalho, gerando novas oportunidades no mercado.



Com a análise das ementas das disciplinas e do curso percebe-se que existem quatro pontos em comum: o panorama histórico do figurino; a relação do figurino com o teatro enquanto elemento de significação cênica; as etapas de diferentes processos de criação; e o estudo dos materiais a serem utilizados para a confecção dos figurinos. Na graduação em Teatro, pela UFPB, é possível estudar o figurino com uma perspectiva pedagógica, como uma ferramenta para as aulas de teatro. No curso de Tecnologia em Design de Moda, a disciplina está voltada também para as relações entre figurino e moda. Tanto na disciplina da UFPB, como no curso oferecido no Cearte, a atividade final é a criação de um traje.

Ramos considera: 'de enorme valia os cursos voltados para a área em questão. Isso porque, além da transmissão dos procedimentos técnicos, fomentar questionamentos e instigar pesquisas é o que se deseja quando há a proposta de formar artistas' (RAMOS, 2012, p.88). Observa-se a necessidade de formar figurinistas capazes de refletir sobre o fazer artístico.

Até hoje, concluíram duas turmas da disciplina de figurino na UFPB, nove turmas na UNIPÊ, e duas turmas pelo curso de figurino do Cearte. A oferta dessas disciplinas e desse curso é semestral.

### **Considerações finais**

O traje cênico, é um dos elementos que constituem a criação teatral. Todo o vestuário utilizado em cena pode ser considerado traje de cena. No mundo pós moderno, o figurino multiplica suas funções na cena teatral, e ultrapassa a função de apenas vestir a personagem (PAVIS, 1999). O figurino é teatro. O figurinista é o artista que converte em traje a experiência da personagem.

Na Paraíba, existem cerca de oito figurinistas profissionais, entre eles estão Maurício Germano e Adriano Bezerra, que possuem uma produção de figurinos considerável há mais de quinze anos. Através de entrevistas, realizadas por email, Germano e Bezerra, declararam que a formação deles enquanto figurinistas aconteceu pela necessidade de montar seus espetáculos, e pelo fascínio com a parte técnica do ato teatral. Para ambos, a formação acadêmica foi complementar, a profissão de figurinista. O primeiro se formou

em Artes Cênicas e o segundo em Design de Moda, áreas correlatas ao traje de cena. E assim, indicaram que não existe um curso específico sobre figurino, em João Pessoa, apenas disciplinas em outras graduações, ou eventuais oficinas durante os festivais de arte.

Com a implantação de disciplinas sobre figurino nos cursos de graduação em Teatro pela UFPB, e Design de Moda pelo Unipê, e com a criação do curso de figurino pelo Cearte, percebe-se a possibilidade de formação inicial para figurinistas em João Pessoa. Esse é o início de um processo formativo de figurinistas profissionais, que exige mais possibilidades de oficinas e cursos específicos, de formação complementar, de nível técnico e superior. Com isto, visualiza-se um futuro de oportunidades em formação e também em produção artística de trajes cênicos no Estado da Paraíba.

#### **Referências**

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

MUNIZ, Rosane. **Vestindo os nus: Figurino em cena**. Rio de Janeiro: SENAC, 2004.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PEREIRA, Dalmir Rogério. **Ensaio sobre traje de cena**. In: Colóquio de Moda, 8º, 2012. Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/8-Coloquio-de-Moda\\_2012/GT09/COMUNICACAO-ORAL/102910\\_Ensaio\\_sobre\\_trajes\\_de\\_cena.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/8-Coloquio-de-Moda_2012/GT09/COMUNICACAO-ORAL/102910_Ensaio_sobre_trajes_de_cena.pdf)>. Acesso em: 10/11/2014.

RAMOS, Adriana Vaz. **Reflexões acerca da formação de figurinistas**. In: VIANA, Fausto; MUNIZ, Rosane. **Diário de pesquisadores: Traje de cena**. São Paulo: Estação das letras e cores, 2012. p. 87-92.